

# Alberto de Oliveira e a ver- naculidade da sua obra literária (\*)

JOEL LINHARES

Retirado à isolada e distante praia do Pirambú, longe dos meus livros, alheado dos homens e imerso num «dolce far niente» em que o corpo procura o descanso e o espírito demanda as regiões do sonho, incapaz de me entregar, assim, de chofre, às canseiras do trabalho, eis-me, inopinadamente, alertado ao cativante convite de nosso ilustre presidente para falar, nesta sessão, sôbre o excelso poeta das «Canções Românticas», das «Meridionais», dos «Sonetos e Poemas», dos «Versos e Rimas», do «Livro de Ema»; sôbre o autor de «Céu, Terra e Mar» e de «Poesias», mas no que diz respeito tão sômente à sua pureza de linguagem, que o extremou, tornando-o insigne, dentre os demais poetas parnasianos que ornaram de imarcescíveis glórias as páginas da história da literatura nacional.

Depara-se-me, assim, uma análise a fazer, a qual, longe de ser como a de um corpo para decompor em tôdas as suas partes e indicar a natureza de cada uma delas, afim de que se evidencie um conhecimento completo dos seus elementos materiais, incide, ao envés, sôbre uma cousa, qual o pensamento consubstanciado em palavras, que, por sua natureza, escapa aos nossos sentidos corporais e que, é bem de ver, não pode ser estudada, de forma que possa ser bem conhecida, a não ser mediante o desenvolvimento de tôdas as suas modalidades, a perquisição

---

(\*)—Lido na Academia, na sessão consagrada a Alberto de Oliveira.

de todos os seus meandros, o esclarecimento e explanação da natureza e da função de tôdas as suas partes, de sorte que minúcia alguma possa escapar a um exame pormenorizado e atento.

Há na verdade, com referência à linguagem, diversas espécies de análise, que interessam já às partes materiais e constitutivas do vocábulo, já às palavras consideradas isoladamente, ou ao modo por que estas se enlaçam para formar o discurso e, ainda, à maneira por que as ideas e os pensamentos são formulados e expressos para dar corpo à criação literária.

E porque assim seja, uma vez que, não obstante ser o estilo do grande Alberto de Oliveira um dos mais brilhantes e a sua linguagem das mais ricas da nossa literatura, alguma vez se lhe tenha movido o reproche de abusar de palavras raras e de construções algum tanto torturadas, quando fôra antes mister realçar não somente a excelência da sua forma, que tanto contribuíu para a excelsitude de sua arte, mas ainda, e sobretudo, como diz José Veríssimo, os bons quilates da sua língua, da sua impecável correção, bem como a vernaculidade cuidada do seu vocabulário e fraseado, sem vislumbre sequer das extravagâncias, das facílimas ousadias a que a ignorância, o amor da rima, as necessidades do metro arrastam ou aconselham muitos dos nossos poetas, hei por bem, para desfazer essas incabidas censuras, de apreciar a sua poesia sob todos os aspectos gramaticais, para mostrar que nenhum dêesses artificios, com que tão facilmente enganosos homens de letras andam a fingir distinção ou brasileirismo, afeiam ou desdouram o metro impecável do nosso mavioso vate.

Tão acuradamente estudou e conheceu Alberto de Oliveira o nosso opulentíssimo idioma, dando exemplos dos tesouros copiosíssimos que êle encerra, posto que, em parte, ocultos ou desconhecidos de muitos que pensam cultivá-lo, que lhe não foi de valia alguma recorrer a neologismos e estrangeirismos desnecessários, senão usar tão somente dos moldes puramente vernáculos, ora fazendo reviver formas esquecidas e aprimorando as demais tidas de uso corrente, ora deixando-se levar sempre ao sabor de suas

tendências clássicas, mas sem jamais perder de vista os exemplos autorizados dos melhores mestres da língua.

Se encaramos a sua linguagem do ponto de vista puramente fonético, não lhe notaremos, na melodia do verso, recursos astuciosos para o enriquecimento das rimas, que tôdas obedecem aos moldes puramente vernáculos e à feição histórica do idioma. Êle diz :

Moço ainda, sem uma QUEIXA,  
Apressando o mortal excídio,  
Com que impavidez,  
Como um infólio, a vida FECHA,  
Vazando a taça do suicídio  
De uma só vez.

E' sabido que os verbos cuja penúltima sílaba do tema é representada por um *e* surdo, mantêm esta vogal em tôdas as formas, em que a referida sílaba for átona; mas, ao incidir nela o assento tônico, em se tratando da primeira conjugação, muda-se êsse *e* surdo em *e* aberto, exceto se depois desta letra vier, entre outros casos, *CH*, pois, em assim sendo, torna-se *e* fechado (médro, médras, médra,—mas—fêcho, fêchas, fêcha).

Foi a esta lei que obedeceu o nosso poeta, rimando QUEIXA com FÊCHA, não obstante sabermos que, na dialeção do Brasil, com relação às vogais *o* e *e*, de regra geral e por um fenómeno de meta-sonia, as vogais tônicas comunicam o seu timbre às vogais pretônicas, donde dizer-se *tôléro*, *jôgar* e, conseqüentemente, como alguns pronunciam: fêcho, fêchas, fêcha, por influência de—fêchar.

Quanto à palavra *queixa*, é bem de ver que o ditongo *ei* monotonga-se sinizeticamente em *ê*, todas as vezes que não é seguido de vogal, na sílaba predominante dos oxítonos, e de *m*, *n*, *t*, *z*, etc.: *bêjo*, *quêjo*, mas *esteio*, *teima*, *reino*, *feito*, etc.

Muito de sobreaviso estava Alberto de Oliveira contra as investidas da dialeção do Brasil e, por isso, nem em casos como êste, deixou de abeberar-se nas puras fontes portuguesas.

Todavia, não se dedigna de valer-se dos recursos do língua, desde que autorizados, para pôr em destaque a sua rima, servindo-se de acusativos pleonásticos que, ao mesmo tempo, dão-lhe ênfase ao pensamento :

A verdade, a verdade eu APRENDI-A,  
A única verdade,  
Com as aves que fora, à luz do DIA,  
Nas árvores em flor  
Dizendo estão à Imensidade:  
—Tudo é amor !

Quando de todo não repugna à pureza da língua, sabe também o nosso poeta servir-se de outros meios de elegante efeito :

Dos escravos de outrora um só, como êle, enfêrmo,  
Velho e inútil, ficou de sua vida no êrmo  
A acompanhá-lo. Nem escravo nem senhor.  
Sopraram-lhes aos dois os mesmos INFORTÚNIOS,  
Igualando-os; o mêdo, em vagas formas, UNE-OS,  
Une-os a ansiedade, une-os a mesma dor.

Ou, então, como mestre, que sabe o que está fazendo, cuja elegância no saber dizer não se teme de afeiçoar a língua à fluência do seu pensamento, servindo-se de graciosos transbordamentos, ou *enjambements*, como dizem os franceses, apresenta-nos uma rima inesperada, mas puramente vernácula :

Eis de súbito um baque, alto e lúgubre; ecoaram  
Salas e corredor. Os dois velhos se encaram,  
Transidos de terror, presa a respiração;  
Foi um como rolar de formidanda RUMA  
Ou o desabamento inopinado de UMA  
Tôrre de pedra e saibro a esboroar-se no chão.

E o seu metro é suave, compassado, sem essas elisões do falar apressado dos portugueses de hoje, porque êle não desconhece que a língua portuguesa do Brasil guarda esta distinção da de Portugal, devido a fenômenos que não hei mister explicar no mo-

mento. E tanto sabe disto, que, na sua patriótico «Ode Cívica», clama a todos os brasileiros:

.....Nem vos passe o louvor merecido  
 À língua cujos sons a lhe cantar no ouvido  
 Leva o estrangeiro, como ecos de 'edênea voz,  
 Língua de povo irmão, noutra parte falada,  
 Mas que AQUI SE ENRIQUECE, AVULTA E MAIS  
 [AGRADECE]  
 POR MAIS DOCE ENTRE NÓS.

Se é certo que o excelso cantor das «Meridionais», levado pelo seu gôsto apurado às letras clássicas, empregou amiüdadas vezes palavras que já hoje andam quase exclusivamente relegadas às páginas dos nossos vocabulários ou às dos escritos dos nossos maiores, não é menos certo que isso lhe era lícito fazer, a exemplo de Rui Barbosa e de outros vultos de nomeada da nossa história literária, não somente para dar curso às riquezas da língua sem prejudicær à clareza das suas ideas e pensamentos, como também para justificar o preceito do velho Horácio na sua Arte Poética:

Multa renascentur quae jam cecidere, cadentque  
 Quae nunc sunt in honore vocabula.

Nem se pode passar atestado de óbito a nenhuma forma verbal de uma língua, nem empecer aos seus fenômenos de ressurreição, que isto decorre muitas vezes de causas e leis que independem da vontade do homem, se de todo não é a resultante de temperamentos artísticos afeitos aos moldes clássicos e neles versados, como é o caso dêste trabalho cinzelador da poesia brasileira.

«Nullum est jam dictum, quod non dictum sit prius»—dizia Terêncio, e isto se relaciona não somente com as ideas, mas com as próprias palavras que as revestem.

Que importa, pois, que o nosso vate diga—

«É finda a guerra. Ainda há um RUIDAR de tambores...»

—, se também Felinto Elísio disse—

«Ruïdavam as Marmáridas catervas»?

Que grande mal haverá em que use, na mesma poesia, a palavra estema—«êsse a quem cinge a cabeça o estema da vitória»—, se a forma é genuinamente portuguesa e autorizada pelo latim—stemma?

Ou que, ao lado da forma RUDO (POESIAS, 4ª série, pg. 15), empregue RUDE (ib., pgs. 119, 129, 181), de uso mais corrente, se também Camões dizia: «não de agreste avena ou frauta ruda...»?

Ou ainda que se sirva do verbo TRINFAR, falando de andorinhas (ib., pg. 84), se Castilho lhe deu o exemplo (*Fastos*, III, 324)?

Todos êstes vocábulos e mais outros, ainda mais peregrinos, que empregou, se fazem encontrições nos clássicos da língua e são puramente vernáculos.

O que seria mais de admirar é que êsse mesmo acendrado amor às formas lusitanas e o seu profundo estudo do vernáculo o tenham feito tropeçar em companhia de outros abalizados cultores e mestres da língua, no campo que diz respeito à morfologia camptológica, dizendo:

Vestem-se agora os muros  
De líquens e musgos.

Ora, se as palavras LÍQUEN, REGÍMEN, ESPÉCIMEN e outras desta natureza, provenientes, por via erudita, do nominativo latino, abandonadas à sua sorte, tivessem evolvido de acôrdo com as tendências da língua, acabariam por apresentar formas terminadas em E ou EM, como *pente* a par de *homem*.

Os eruditos portugueses, porém, influenciados pelo espanhol, mais do que pelo próprio latim, começaram a proferir esmeradamente o N dessas palavras, com evidente perturbação da evolução natural a que tendiam, o que levou o grande filólogo Gonçalves Viana a assinalar-lhes o plural em ES.

Aqui, entre nós, no Brasil, não vingou êsse plural dialetal lusitano, porque não houve essa influência erudita e tais palavras evolveram naturalmente, vindo a pronunciar-se LIQUEM, REGIMEM, ESPÉCI-

MEM, e, conseqüentemente, a ter o plural LIQUENS, REGIMENS, ESPÉCIMENS, assim como *jovens*, de *jovem*.

Noutra parte de sua extensa obra poética, no «Prelúdio», da 1.<sup>a</sup> série de «Poesias», empregou Alberto de Oliveira o plural ONIXES :

Wilis, sereias e nixes,  
Turquesas, rubís, ONIXES,  
Granadas, berilos, prázios,  
Topázios.

E' sabido que permanecem invariáveis, de acôrdo com as nossas leis fonéticas, quando passam para o plural, os nomes barítonos terminados em S, X ou Z: *o lapis, os lapis; o índex, os índex*; donde também o ÔNIX e os ÔNIX, uma vez que paroxítona é em latim essa palavra e a lei da persistência da acentuação latina não podia sofrer esta excepção, até porque ÔNIX é uma palavra moderna e erudita, que tem *onisco* como equivalente no antigo português. Mas, ou porque não se lembrou o poeta da quantidade latina, ou porque lhe applicou a lei poética da deslocação do acento, como se faz com palavras pouco conhecidas, veio a pronunciar ONIX e, mui naturalmente, a dar-lhe o plural ONIXES.

Onde, porém, Alberto de Oliveira se revela um purista de aprumo invejável é na tessitura da sua frase, que é, como a latina, quase sempre sintética, de coleios sinuosos e de compreensão difficil para os leigos do nosso idioma.

É incontestável que o escopo fundamental da linguagem é a clareza na expressão do pensamento, donde a lei glótica do analitismo. Tôdas as línguas novi-latinas evolveram, neste particular, com a quebra dos rígidos moldes do sintetismo clássico para o analitismo moderno, sem que isto se tenha operado por uma espécie de dissolução ou degenerescência, mas de uma maneira natural, na confusão dos séculos, por fenômenos psicológicos relativos à linguística, como uma marcha ascencional para a perfeição, que é a simplicidade do mecanismo glótico.

Disto, porém, não se pode inferir que se encra-

va o português nessa ordem sempre direta, que caracteriza, por exemplo, a língua francesa.

As inversões comedidas, já autorizadas e como sistematizadas, da nossa língua, não prejudicaram nunca ao sentido da frase, senão que a tornaram menos monótona, lhe deram mais efeito e elegância, porque consultam o gosto apurado dos que, como Alberto de Oliveira, têm tendências artísticas para dar uma impressão nítida do Belo.

Do latim herdámos êsses pendores para o sintetismo sintático, que todos cultivamos, quando sabemos amar com carinho as tradições da nossa língua.

Nestas condições, todas as construções, como esta de Alberto de Oliveira, jamais poderiam, com justiça, ser tidas como defeituosas :

O sol das cinco e meia  
Obliquo, na alameda  
Fulgir  
Gotas aí caídas  
Faz, como pedraria  
De Ofir.

Ou, então, como estoutra, que só parecerá límpida à análise de espíritos esclarecidos :

A tôda alma que sofre em grutas, fontes,  
Nos insetos e brutos da espessura,  
Grimpas de árvores, píncaros de montes  
Estão, observa-os, apontando a altura.

Demais disto, como parnasiano que foi, se bem que nem sempre com essa frieza e impassibilidade que caracterizam a escola, o majestoso cantor da natureza brasileira, plasmando os seus sentimentos consoante os que lhe ela inspirava e jamais procurando fazê-la cenário adequado às íntimas comoções do seu espírito, de tal arte se servia dos recursos sintáticos para a perfeição da forma, que a sua frase é sempre expurgada de defeitos, ainda pequeninos que sejam. Nem se me torna necessário atestar com exemplos o que afirmo a pessoas que, como eu, o conhecem e estimam.



Basta, sôbre êste ponto, assinalar que, sendo o cruzamento o efeito de dois tipos sintáticos que se influenciam, dando lugar a um terceiro que os con-  
juga, mui natural seria que Alberto de Oliveira, vez  
por outra, disto se servisse para alcançar combina-  
ções de rimas de maior eficácia poética. Todavia,  
em vez de dizer, por exemplo, DE VEZ EM QUAN-  
DO, tão usado, ou mesmo de QUANDO EM VEZ, que  
se poderia dizer, sem desdouro, por isso que há as  
expressões DE VEZ EM VEZ e DE QUANDO EM  
QUANDO, sômente desta usa, no seu escrupuloso  
amor à pureza do vernáculo.

Êste mesmo nunca desmentido amor à pureza  
da língua, em Alberto de Oliveira, não fica sômente  
na escolha dos vocábulos e na impecável construção  
da frase, vai mais além, invade o domínio da semân-  
tica e, com propriedade matemática, sabe mudar o  
sentido próprio das palavras, noutro relativo ou trans-  
lato, que se lhes ajusta primorosamente.

Se atentarmos, com efeito, nas leis de formação  
da linguagem, notaremos que as palavras, como pro-  
va a sua genealogia, têm um sentido primordial, que  
dimana da raiz de que se derivam e, assim como os  
algarismos, têm também um valor relativo, que re-  
cebem do meio em que se encontram, do próprio  
lugar que ocupam entre os vocábulos que as rodeiam  
e que projetam sôbre elas uma espécie de reflexo e  
de matiz particulares.

Há muito tempo que esta influência foi assina-  
lada pelo poeta Horácio, que disto concebeu um ex-  
celente preceito:

Dixeris egregie, notum si calida verbum  
Reddiderit junctura novum.  
(Arte Poética, 47)

Falarás com primor, se remoçares  
com engonhosa liga usado termo

—como o traduziu Antônio Luiz de Seabra, ou, mais  
claramente: terás dito com primor, se uma engenho-  
sa combinação tiver tornado nova uma expressão já  
conhecida.

Usando desta permissão com acurado esmêro e

finíssimo gôsto, diz Alberto de Oliveira, referindo-se à nossa pátria:

Sob um céu festival, entre matas virentes,  
A ouvir, como elegia, o chôro das torrentes  
E o piar das aves,—sôbre o tórax arquejante  
Cruzados em sopor os braços, decaída  
A cabeça, ao que o cerca indiferente, e à vida,  
Jaz prostrado o Gigante.

Nem admira que assim tenha expressado o poeta o seu pensamento, quando os latinos foram mais longe ainda, uma vez que se serviram da palavra MANUS para designar a quantidade de homens que um chefe podia facilmente comandar, como se os contivesse na mão.

Nestas condições, como conhecedor abalizado da língua, sob a influência da metáfora, soube Alberto de Oliveira, na sua formosa obra literária, estender com uma incrível elasticidade a significação das palavras.

Mas, quando o artista se revela realmente grande, é nesses momentos de divino arroubo em que sujeita os sons da língua a expressão do seu pensamento, ora alegre e cantante, ora triste e solene, como neste passo em que canta «O céu de Curitiba», fazendo lembrar pela consonância dos AA repetidos a imortal primeira estrofe d' «Os Lusíadas» de Camões:

Que céu! Prata e carmim. Que estrêla d'alva, e que  
[aurora!  
E agora o sol! E agora o dia! Ampla e sonora  
Diz uma voz: Cantai!—Cantam a par e par  
As aves, canta o bosque, onde almo néctar liba  
O inseto, o rio canta... O céu de Curitiba  
Me faz cantar.

Foi, como se vê, Alberto de Oliveira um purista de excelente têmpera, cuidadoso cinzelador do nosso idioma e artista inigualável.

Fazem-se, todavia, tão encontradiços os pioneiros de ideas novas, que me não admira andem por

aí além os que se entrem de profligar ardorosamente os imitadores dos clássicos, como amantes de cousas hoje despiciendas.

Essas mentalidades, tão prenhes de ficções as mais disparatadas, que não sabem criar sem destruir, não enxergam, de certo, na austeridade do idioma dos nossos maiores—como o foi no dos priscos romanos—êsse traço psicológico, que lhes era tão peculiar e que lhes valeu um renome quase legendário, ilustríssimo e distinto, em todos os grandes cometimentos de que foram heróis.

A linguagem tem, por fôrça, a sua filosofia, e seria confessar a nossa inferioridade passar um atestado de óbito aos pendores de um povo, cujo instrumento de comunicação do pensamento jamais deixou de ter a sua forte analogia com os delineamentos do seu caráter.

Anda hoje o vernáculo tão maltratado dos que o querem divorciado das normas por que foi minado ao tempo dos que se prezavam de o saber adaptar elegantemente aos diversos e mais complexos matices do pensamento, que mais parece um monumento derruído, que uma língua evolvida e trabalhada em forjas, que todos acordamos de estimar, assim nas artes como na ciência, mais poderosas e resistentes que as de onde emanaram os inestimáveis legados das letras portuguesas.

Nisto vou que não é mister sòmente possuir-se o mais copioso cabedal de ideas por que se pretenda ter a supremacia na arte de escrever, fôrça é que se tenha a admirável faculdade de saber expressá-las com essa delicadeza altaneira a que se presta o gênio da língua, e que se não pode ter sem o sabor clássico, obliterando-se, em verdade, o desmerecer-se por incôngruo purismo, que a tanto não deve aspirar o paladar dos que se obstinam de cultivar a forma tersa e inigualável, quase divina, que os clássicos souberam dar à primogênita do Lácio.

Que se seja nacionalista no estilo, já que «o estilo é o homem» e o homem, em conjunto, a própria nação; que nele se individualizem os que pretendem dissociar-se das glórias e tradições lusitanas, pois o

estilo «é a cousa mais preciosa nas letras» e tê-lo, verdadeiramente, é ser-se nm frei Luiz de Sousa ou um padre Antônio Vieira; que se não desentranhem êsses rebarbativos e obsoletos vocábulos, que faziam as delícias dos ágapes intelectuais dos estatuários da linguagem portuguesa; venham novas palavras, criem-se novos termos—é permitido fazê-lo—; que a idea, que o pensamento se plasme quase onomatôpicamente nos nossos dizeres; que se identifiquem a frouxidão e a leveza do tempo e dos costumes com a leveza e frouxidão da linguagem; o que se não pode é afrancesar o período, é deturpar os vocábulos, ao envés de aproximá-los dos moldes vazados no idioma originário, que o mesmo é querer-lhe ensombrar as primícias que grangeou com êsse modo senhoril com que foi tratado daqueles que o queriam, como o insigne poeta Alberto de Oliveira, castiço, de lei, semelhante a uma «finíssima cabaia, que mãos de fada houveram bordado a diamante e matizado de pérolas».

---

NOTA. Neste trabalho me foi de um grande auxílio o que me lembra a leitura do «Repasse Crítico», de Martinz de Aguiar, da «Pequena História da Literatura Brasileira», de Ronald de Carvalho, e doutros autores.

---